

INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

teoria & prática

Vol.26 | N° 2 | 2024

ISSN digital ISSN impresso
1982-1654 1516-084X

Páginas 48-57

Fernanda Spanier Amador

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade Filiação 1
feamador@uol.com.br

Juliana Prediger

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre
jprediger@gmail.com

Daniel Rodrigues Fernandes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
drf.daniel@gmail.com



PORTO ALEGRE
RIO GRANDE DO SUL
BRASIL

Recebido em: maio de 2023

Aprovado em: novembro de 2023

Tecnologias Digitais na Pandemia: novas medialidades no pesquisar em Clínicas do Trabalho¹

*Digital Technologies in the Pandemic: new
medialities in Work Clinics research*

Resumo

Este artigo aborda uma das linhas analíticas abertas pelo desenvolvimento de pesquisa junto a docentes na pandemia da Covid-19, situação sanitária essa que demandou estratégias metodológicas distintas das habituais. As medialidades tecnológicas empregadas não consistiram em simples deslocamento de situações presenciais para situações on-line, uma vez que a especificidade da experiência do trabalho docente em investigação, bem como do próprio trabalho de pesquisa clínica do trabalho, modificou-se substancialmente requerendo análises peculiares. Inicialmente posicionamos a emergência do projeto de pesquisa e situamos a questão-problema deste artigo: quais as especificidades do próprio trabalho de pesquisa envolvendo medialidades tecnológicas em tempos de isolamento e distanciamento social? A seguir, apresentamos a estratégia metodológica que envolveu criação de uma plataforma digital e produção narrativa. Na sequência destacamos questões relativas aos modos de presença intermediados por tecnologias e tratamos de como construímos uma pesquisa e um pesquisar na radicalidade virtual e de distanciamento geográfico entre corpos.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Clínicas do Trabalho. Tecnologias Digitais. Pesquisa.

Abstract

This paper addresses one of the analytical lines opened in the development of a research with teachers during the Covid-19 pandemic, which demanded methodological strategies different from the usual methods. Technological medialities then employed did not consist in a simple displacement from face-to-face situations to an online context, since the specificity of the teaching work experience under investigation, as well as work clinical research as a practice itself, changed substantially, thus requiring peculiar analyses. Initially, we deal with this research project emergence and present this paper problematic question: what are the specificities of research work itself involving technological medialities in isolation and social distancing times? Next, we present the methodological strategy, which involved the creation of a digital platform and narrative production. Finally, we highlight issues related to technology mediated modes of presence and address how we built a research and a research-doing in virtual radicality and geographic distancing.

Keywords: Pandemic. Covid-19. Work Clinics. Digital Technologies. Research.

¹ A pesquisa abordada nesse artigo é financiada pelo CNPQ - Edital Universal Processo 409825/2021-2 e o presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

Se a pandemia se impõe sobre o povo, suscita, também, resistências insuspeitas que serão erigidas como modos de produzir e viver, já que não se trata de simplesmente retomar a produção que tínhamos antes da crise sanitária, mas, sim, de inventar um mundo para viver.

1. A crise instaurando análise

A crise sanitária provocada pela Covid-19 figura como um dos maiores desafios de nosso tempo. Gerando perturbação nos cenários econômico, político, ambiental e social em todo o mundo, suas consequências indicam mudanças significativas nos modos de viver durante a pandemia e posteriormente a ela.

Já estávamos em setembro do ano de 2020 e, portanto, vivendo a situação de isolamento e distanciamento social tendo em vista as necessidades sanitárias do momento, quando registramos o projeto de pesquisa multicêntrica Narrativas do Trabalho docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação², no sistema de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tal projeto, que envolve ainda as Universidades Federais do Espírito Santo (UFES) e Federal Fluminense (UFF), dedica-se a analisar os modos como docentes da educação básica pública experimentam a microgestão dos processos de trabalho na pandemia em questão e a partir dela.

Vivíamos, à época, os desafios das intensas transformações em nossos modos de realizar o trabalho docente, bem como o de pesquisa. Nesse contexto, o emprego dos próprios dispositivos digitais que se fizeram necessários para produzirmos material pela pesquisa não tardou a perturbar as fronteiras de nosso escopo de investigação, tornando-se ele mesmo objeto de nossas análises.

Naquele momento nos indagávamos a respeito das dinâmicas que envolvem trabalho, subjetividade e saúde no contexto de ameaça do vírus da Covid-19, questões essas que, sem sombra de dúvidas, situavam-se nas nossas próprias angústias experimentadas enquanto professoras-pesquisadoras³

²O projeto foi contemplado com recursos do Edital Universal CNPq, estando inscrito sob o número 409825/2021-2. Encontra-se em andamento, sendo este artigo fruto de análises processuais realizadas ao longo de seu desenvolvimento.

³ Optamos por utilizar o termo “professoras”, com uma generalização do plural sempre no feminino, independente do conjunto de professores referido ser constituído ou não exclusivamente por mulheres. Entendemos que o ofício docente na educação básica é exercido majoritariamente por mulheres e, para além disso, carrega marcas historicamente associadas ao feminino, especialmente questões relacionadas ao

que sentiam, na pele, as inquietações daquele momento. A elaboração de uma proposta de investigação convertia-se, assim, ao mesmo tempo, em uma necessidade de entendimento do que iniciávamos a atravessar enquanto coletividade, bem como uma possibilidade de produzir sentidos para uma estranha experiência que perturbava a cada uma de nós enquanto docente e pesquisadoras no campo clínico do trabalho, que se viam na situação de criar meios outros para realizar suas pesquisas.

Ao referirmo-nos a questões clínicas do trabalho, falamos de processos subjetivos e de saúde implicados na experiência do trabalho como atividade (CLOT, 2006; 2010), isto é, interessamo-nos pelos modos como fazemos a microgestão dos processos de trabalho diante das infidelidades do meio (CANGUILHEM, 2012), levando em conta a sempre presente distância entre o Trabalho Prescrito e o Trabalho Real (Clot, 2010).

O plano problemático da investigação começou a ser tecido por entre perguntas referentes às mudanças que foram desenhadas a partir da implementação do trabalho remoto e das demais mudanças nos modos de organização do trabalho educativo em tempos de quarentena, isolamento e distanciamento social devido à pandemia de Covid-19. Interessava-nos, naquele momento, pensar os modos como docentes faziam a experiência do trabalho na pandemia, bem como as implicações que as modulações do trabalho remoto produziam nos modos como trabalham professoras e professores da educação básica pública. Além disso, interessava-nos compreender as maneiras como tais elementos se expressavam nos processos de produção de subjetividade e de saúde experimentados.

Nesse ato, desejávamos acessar como se deram os percursos do trabalho como atividade, a saber: o que as/os docentes faziam, o que deixavam de fazer, o que pensavam fazer e não fizeram, conforme definição de trabalho como atividade para Yves Clot (2010), enquanto experimentavam os novos modos de organização do trabalho durante a pandemia. Queríamos acessar as modalidades de expressão do processo de saúde vivido pelas/os docentes no contexto em questão, incursionado também – e para tanto – pelos modos como se delineava o quadro de precarização e intensificação no âmbito do trabalho docente na pandemia, bem como pelas nuances que estavam sendo desenhadas, do ponto de vista dos marcadores de desigualdade e de diferença (raça, gênero, classe, corpos com deficiência) por entre a experiência do trabalho docente enquanto atividade.

2. Estratégia Metodológica: sobre plataformas digitais e narrativas

A estratégia de pesquisa envolveu plataformas digitais para postagem de histórias de trabalho e para realização de rodas de conversa, a fim de acessarmos

trabalho reprodutivo, que diz respeito ao cuidado e manutenção da vida.

a dimensão do trabalho como atividade em situações de diálogo⁴, para comunicações diversas⁵, bem como para circulação de informações diversas desde que atinentes ao tema da pesquisa. O objetivo era que a postagem de histórias operasse em caráter dialógico, isto é, que se estabelecesse um processo de trocas e conversas via comentários especialmente entre docentes e equipe pesquisadora.

Dentre as estratégias, usamos uma plataforma desenvolvida por meio da contratação de apoio técnico especializado. Assim, dispomos de uma página eletrônica criada utilizando a tecnologia Wordpress – um Sistema de Gerenciamento de Conteúdo para internet, de código aberto.

O layout escolhido foi um design limpo e responsivo, que se adaptasse a diferentes dispositivos, incluindo desktop, laptop e dispositivos móveis. Foi priorizada a facilidade de acesso e a absorção de conteúdo, de modo a garantir uma boa experiência para o usuário. Também foram implementados recursos de acessibilidade para pessoas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, deficiência visual e auditiva.

A Página Inicial conta com um vídeo, elaborado pela equipe pesquisadora, e um texto, que fazem provocações relacionadas à experiência do trabalho docente durante e após a pandemia da Covid-19 e convida as pessoas visitantes a participarem da pesquisa a partir do envio de uma narrativa sobre seu trabalho como docente na educação básica. A seção Sobre a Pesquisa apresenta sucintamente o contexto, objetivos da pesquisa e os membros pesquisadores. A seção Envie sua História consiste no modo de acessar o procedimento de cadastro e participação efetiva na pesquisa.

Inicialmente, as funcionalidades da plataforma envolviam o envio de **histórias-narrativa**⁶, que ficava condicionado à criação de cadastro na página e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa. Recebemos a primeira narrativa em maio de 2021. As

⁴A metodologia da análise da atividade implica que as pessoas que trabalham e compõem a história de um ofício participem de situações nas quais se fomenta o diálogo de maneira a que a experiência do trabalho atinja a fala, possibilitando, assim, acesso ao plano do trabalho como atividade (Clot, 2006; Amador, 2019).

⁵A partir de novembro de 2022, com a pesquisa em andamento, há em torno de 18 meses, decidimos por adicionar novas funcionalidades: espaço para restituição dos materiais da pesquisa via leitura em áudio dos resumos das publicações e apresentações em Congressos, publicação dos materiais escritos, bem como leitura oral de histórias já postadas na plataforma.

⁶Empregamos histórias-narrativa para reunir os termos empregados na plataforma para facilitar o acesso e a amigabilidade dos usuários. Lá consta uma aba Histórias, espaço esse em que narrativas são produzidas, postadas, compartilhadas e comentadas. Tal envio somente é realizado após a leitura e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

narrativas enviadas não eram postadas automaticamente pela plataforma, mas permaneciam enquanto conteúdo não publicado até que os pesquisadores e pesquisadoras responsáveis fizessem curadoria do conteúdo enviado para avaliação e sistematização do material a ser publicizado na plataforma, bem como o descarte do material inapropriado, tais como eventuais conteúdos ofensivos, pornográficos, entre outros. Além da participação na plataforma por meio da postagem das histórias-narrativa por escrito e/ou áudio⁷, é possível a postagem de comentários entre professoras diretamente envolvidas na pesquisa, bem como outras pessoas que porventura a acessem.

A plataforma também abriga comentários elaborados pela equipe pesquisadora a partir das postagens de docentes. Inicialmente são lidas e triadas segundo os critérios já mencionados e na sequência comentadas enfatizando aspectos da experiência coletiva de exercício do trabalho docente em tempos de pandemia. Abriga ainda **histórias-figuração**⁸ que foram produzidas pela equipe visando a instigar o envio de novas narrativas por parte das/dos docentes, bem como a abrir possíveis outras materialidades analíticas referentes à sua experiência de trabalho.

Os comentários da equipe pesquisadora às histórias-narrativa postadas exaltavam aspectos da experiência coletiva de exercício do trabalho docente em tempos de pandemia, do trabalho enquanto microgestão de situações cotidianas, a partir das narrativas recebidas, para apreciação e novas postagens de histórias-narrativa por parte das/dos docentes. Junto às histórias-narrativas, há link para que os participantes possam enviar narrativas que conversem, de alguma forma, com as postagens realizadas. Os comentários têm caráter de restituição, ou seja, visa-se a estabelecer “[...] um plano de produção de análises com todos os sujeitos participantes em um movimento de ‘mão dupla’, o que pode gerar deslocamentos e reposicionamentos relativos tanto à pesquisa quanto à atividade de trabalho investigada” (César, Luciano, Carvalho e Almeida, 2016, p. 143).

Narrar entende-se na pesquisa como transmitir uma história que é feita de multiplicidade, conservar pela abertura de sentidos, desenvolver uma história comum, compartilhar problemas. Rocha e Amador (2019) analisam a potente fecundação entre a

⁷Desde o início do desenvolvimento do projeto, pensamos em estratégias de acessibilidade, de maneira que nosso primeiro movimento foi o de criar duas possibilidades, escrita e áudio, para as referidas postagens.

⁸A produção de histórias-figuração ocorre na pesquisa por influência de Donna Haraway (2018) e suas formulações a respeito das figurações. Esse exercício atende a um dos objetivos específicos da pesquisa, a saber: desenvolver, conceitual e metodologicamente, ferramentas clínicas do trabalho explorando a contribuição do conceito de figuração, desenvolvido por Donna Haraway, nas análises do trabalho como atividade. Sua especificidade será explorada em artigo posterior.

transmissão da experiência por meio da narrativa entre trabalhadoras/es e a promoção de saúde no trabalho.

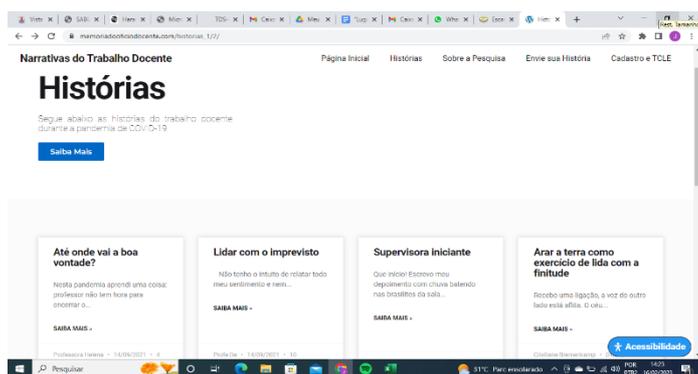
Tomar a narrativa como desenvolvimento de uma história comum pode produzir, em tempos de pandemia, novos parentescos⁹, num lastro de coletivização da experiência do trabalho docente que nesse momento se vê absolutamente “bagunçado” em suas estratégias de ofício, oferecendo-se como estratégia de cuidado em saúde.

Figura 1 - Página inicial da plataforma da pesquisa



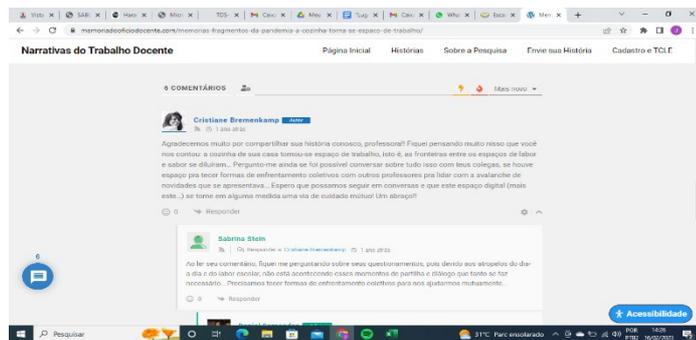
Fonte: Memória do Ofício Docente (2023).

Figura 2: Página de postagens da plataforma “Narrativas do Trabalho Docente”



Fonte: Memória do Ofício Docente (2023).

Figura 3: Plataforma da pesquisa, print de comentários das narrativas



Fonte: Memória do Ofício Docente (2023).

Outra plataforma empregada foi o Google Meet, para fins de possibilitar Rodas de Conversa entre docentes e equipe pesquisadora. Foram formados três diferentes grupos, cada um realizando de três a cinco encontros tendo como mote conversar a respeito da experiência de trabalhar na docência durante o período de distanciamento e isolamento social¹⁰.

Assim, constituímos um espaço de conversação e análise compartilhada da produção ética, estética e política da história do ofício com as novas exigências docentes, em face da pandemia e de estratégias de ensino remoto para continuidade das atividades letivas. A roda de conversa on-line foi uma interface-dispositivo de constituição da materialidade de uma rede de conversação, com a possibilidade dos/das participantes e pesquisadores/as de narrar, ler e comentar histórias, bem como de coanálise das narrativas.

No transcurso da pesquisa, a pergunta antes dirigida somente às professoras e aos professores da educação básica voltava-se, agora, para a equipe pesquisadora: como a experiência com as tecnologias digitais que se produz no ensino remoto, como relação de acoplamento, desloca as categorias e as formas metodológicas habituais da pesquisa no campo clínico do trabalho?

Assim, o tempo foi colocando para a própria equipe pesquisadora uma nova vertente problemática: aquela que concerne aos modos de fazer pesquisa no campo clínico do trabalho, empregando medialidades tecnológicas. Afinal, como nos aproximáramos de professoras e professores para pesquisar o trabalho como atividade? Como instauráramos situações de coanálise dos processos de trabalho por entre plataformas digitais? Quais seriam as peculiaridades do processo dialógico aí experimentado?

Foi nesse momento que abrimos uma via analítica da pesquisa intitulada inicialmente de Lugares da Tecnologia na Pesquisa e, posteriormente, de Modulações das Tecnologias na Pesquisa: novas medialidades do agir na e pela pesquisa em Clínicas do

⁹A partir de Haraway (2019), pensamos a noção de fazer parentesco como uma maneira de sair do modo “filiação”, hierárquico, para um modo relacional de construção de coengendramento de responsabilidades e habilidades ou mesmo construção de habilidades para enfrentamento das responsabilidades diante do coletivo e junto dele (response-ability).

¹⁰Grifamos o fato de que na primeira etapa a tônica da conversa era o trabalho docente na pandemia de Covid-19. Assim o fazemos tendo em vista que a duração desta pandemia coloca-nos agora, no momento de escrita deste artigo, em situação de tratar as restituições e as novas postagens de histórias-narrativa que nos chegam no retorno ao trabalho presencial pós-pandemia; portanto, com toda a especificidade da experiência do momento.

Trabalho. Tal mudança de nomenclatura não ocorreu por simples desejo de outra forma de nomear o processo, decorreu da compreensão de que as tecnologias trabalhadas – sendo elas operadas no entre corpos de um agenciamento que envolve humanos e não humanos, pessoas, dispositivos técnicos, aparatos digitais, temporalidades e espaços diversos – fomentam mais tratar a questão em termos de medialidades do que de lugares.

Formulamos, inicialmente, as seguintes perguntas: como pesquisar com docentes instaurando situações de coanálise do trabalho como atividade em situação de isolamento e distanciamento social pelo uso de tecnologias digitais de caráter remoto? Quais seriam as especificidades de dizer a experiência do trabalho, alvo de nossa investigação junto aos docentes, via medialidades tecnológicas, uma vez que se colocavam situações inusitadas referentes à temporalidade e ao espaço?

Tendo como referência a perspectiva da pesquisa-intervenção para nossos projetos de investigação¹¹, perspectiva essa que implica produzir uma certa relação entre sujeito-prática e teoria-objeto, que envolve trânsitos e movimentos gerados pelos próprios dispositivos de pesquisa empregados, era gerada uma situação-problema inusitada: os próprios dispositivos, plataforma digital, WhatsApp, drives, tornavam-se “caso” analítico, isto é, situação-problema a ser abordada na e pela pesquisa. Perguntamo-nos, assim, a respeito de quais os efeitos do emprego de medialidades tecnológicas de caráter remoto no agir da/pela pesquisa em Clínicas do Trabalho, sobretudo pensando que tais medialidades agora também marcam fortemente o trabalho dessas professoras. Nesse cenário, começamos a viver uma crise em nossos próprios modos de pesquisar.

A crise estava instalada. Crise essa que, para as pessoas que realizam análise institucional e clínica do trabalho, se converte em possibilidade de análise na e pela pesquisa. Nesses termos, tal vertente engendrou, ao longo do processo, reconfigurações substanciais do campo analítico tendo em vista que se ofereceu como lastro para colocação de novos problemas ao longo do processo de investigação.

3. Análise da Estratégia Metodológica: analisadores emergentes pela pesquisa “como atividade”

O conceito de analisador oriundo do campo da Análise Institucional nos é caro: aquilo que catalisa forças analíticas do ponto de vista institucional. Isso porque consideramos, conforme Clot (2013), que experimentar o trabalho como atividade implica “[...]

¹¹As pesquisas às quais nos referimos envolvem projetos em andamento em três Grupos vinculados às Universidades envolvidas no projeto: Núcleo de Pesquisas Instituições, Subjetivação e Trabalho em Análise(s) – **n-pista(s)/UFRGS**; Núcleo de Pesquisas em Subjetividade e Política – **NEPESP/UFES**; e Núcleo de Trabalho e Saúde – **NUTRAS/UFF**.

construção, no comum, de um mundo em que o sujeito pode viver a experiência do real naquilo que ele tem de desconhecido e inesperado” (CLOT, 2013, p. 201), sendo no acontecimento que se reencontra, graças à instituição, o poder de agir sobre o meio, contra a instituição e além dela. Tendo isso em vista, abordamos nesta seção aspectos referentes aos inesperados enfrentados durante a experimentação do ofício de pesquisa os quais transformamos em materialidade analítica.

3.1 “Lugares” da tecnologia, ou conviria falar em “modulações”?

Inicialmente empregamos o termo “lugares” para tratar de como a tecnologia ocupa/conforma um meio de possibilidades para nossas práticas de pesquisa. Talvez mais exato fosse falar de modulações, mas isso não porque a expressão mediação tecnológica não ocupe um lugar, não configure uma certa espacialidade. A questão é que o “lugar” ocupado não é distinto de nenhum lugar com o qual operávamos anteriormente. Vivemos, já há tempos, imersos em meios técnicos, e se não vemos a paisagem como tal é mais por um modo ingênuo de construir uma relação com a paisagem do que pela ausência das conexões tecnodeterminadas.

Da questão dos “lugares” da tecnologia, no momento em que imergimos com a instauração da crise pandêmica e os distanciamentos físicos produzidos a partir disso, podemos pensar em uma nova visibilidade para a mediação tecnológica a partir da intensificação do uso, da variabilidade de meios que passaram a ser exigidos de cada um, arrastando o “público geral”, não “geek”¹² nem trabalhador mais diretamente acostumado a operar com tecnologia digital, para fora de uma certa “acomodação” da aprendizagem tecnológica que havia encontrado seu último desarranjo ao aprender a utilizar os smartphones.

O espaço com o qual operamos não é “puro”, como algumas interpretações do mundo “para além do teclado” (AFK)¹³ consideram. E isso não é uma novidade das adaptações no tempo da pandemia e da política de distanciamento, da intensificação da mediação por redes nos modos de se comunicar –

¹²Anglicismo que denota entusiastas de tecnologia, computadores e internet.

¹³AFK (*Away from Keyboard*) é uma designação comum entre usuários de tecnologias informacionais para informar que não se encontram “logados”, conectados, naquele momento. Talvez seja uma designação mais específica e menos dicotômica do que tratar de processos que ocorrem presencialmente (mas, ainda, envolvendo sempre conexões múltiplas com diversos dispositivos eletrônicos e os ambientes que esses sustentam) e de processos que ocorrem “só remotamente” (dado também toda a presença de outros elementos que se conectam ao ambiente físico no qual o trabalhador se encontra, como alguns de nossos exemplos evidenciam).

intensificações que se fizeram desde os compromissos de trabalho ou estudo a encontros e festas. Cabe, então, perguntar em que medida e de que modos essa intensificação tem se dado ao invés de apenas anunciá-la. Propomos um exercício: olhe em volta, para as coisas que te rodeiam. Olhe, agora, para a tela na qual este texto é projetado: não é verdade que sua atenção estava no real e agora foi chamada ao virtual – esses termos nem são precisos para esta discussão.

Em todo esse tempo, estivemos mergulhados no ciberespaço – não um mundo virtual, mas um mundo que responde a um entendimento cibernético (modulações por alças de retroalimentação de estímulos e processos, contato e troca de informação entre sistemas entendidos como de natureza distinta, mas que podem acoplar-se e produzir funcionalidade orgânica).

As plataformas que agora ganham maior relevância e visibilidade apenas nos apontam isso com maior intensidade. É importante frisar que elegemos algumas plataformas como ambiente prioritário para agregação de informações da pesquisa. Analisar essa dimensão tecnológica implicada na pesquisa passa por entender como determinados processos ganham funcionalidade, duração e efeitos, como se sustentam pelos modos como informações circulam e se produzem, e como funcionalidades ganham existência por serem operadas.

3.2 De “assinaturas” e “sangrias” e “durações” na comunicação

Como se operam processos de “assinatura” e reconhecimento em cada ambiente, tempo e construção da pesquisa, tanto para os professores com quem compartilhamos nossas análises como para o grupo de pesquisadores que anima a pesquisa. O que está implicado em Roda de Conversa com câmeras ligadas ou desligadas? O que envolve escrever uma narrativa ou um comentário utilizando um login anônimo ou identificado? Como as identificações, narrativas e comentários de um desses espaços se fazem ver no outro? Nossos partícipes falam de suas narrativas? Sabem quem são os outros por trás dos pseudônimos? Essas são questões relevantes? Parece-nos que sim, afinal, quando se trata de análise dos processos de trabalho, o que nos interessa são situações de coanálise da atividade (CLOT, 2010), de modo que a dinâmica dos endereçamentos importa.

Quanto a nós, equipe pesquisadora, escreveríamos diferente se usando um pseudônimo? E as escritas coletivas, ou figurações, como seriam assinadas? Que questões isso coloca para o lugar de comentarior/curador/editor das narrativas? O que significa combinar coisas via WhatsApp, ou e-mail? Devemos ou não (e, se sim, como) tratar dos elementos analíticos que aparecem nesses “bastidores logísticos” da pesquisa, igualmente mediados por instrumentos técnicos?

Quando operamos na plataforma, qual o lugar da presunção de anonimato dos dados dos participantes para os pesquisadores, qual o interesse em juntar ou dividir a produção das rodas e das narrativas em “perfis

de assinatura”¹⁴, e como intentar isso? Como lidar com a minúcia do trabalho analítico e do trabalho logístico de operação da plataforma, com a impossibilidade de tratar, enquanto “gerente” da plataforma, com um não saber quem é quem? Como retornos em cada espaço (WhatsApp, rodas de conversa, comentários em narrativas) têm operado? Que percepção estamos tendo deles em cada um desses espaços?

Ainda podemos nos questionar sobre como compartilhamos retornos de espaços nos quais não estamos todos para manter um certo cuidado da comunidade que se cria/sustenta? Que modos de contato a estratégia de uso da plataforma/site/ferramenta tem gerado, e que outros modos tem convocado outras medialidades a operar? Como temos negociado com essas diversas medialidades, com o aspecto formal-institucional da circulação da pesquisa, e com as sangrias de comunicação entre os diferentes meios de comunicação mobilizados nesse pesquisar?

Todas essas são questões que provocaram nosso pensamento e o andamento da pesquisa. É a partir delas que são mobilizadas as análises que seguem, sem esgotar as questões e possíveis desdobramentos, o que aponta, inclusive, para produção de outros textos analíticos.

Diferentemente do que se produz em um espaço dialógico presencial, ou mesmo de sua “simulação” por meio de webconferência, a plataforma utiliza uma estratégia de publicação de narrativas que passa por uma curadoria da equipe de pesquisadoras/es: as narrativas acerca do trabalho são enviadas identificadas e acompanhadas do TCLE, a equipe publica essas narrativas de forma desidentificada, com um apelido (codinome) escolhido pelo autor da narrativa. Na plataforma, está disponível o recurso “comentários”, identificado e, ao ter sua narrativa comentada, o participante é notificado via email.

A pequena comunidade que foi se formando na plataforma era anônima, um recurso quase paradoxal em tempos de superexposição e ao mesmo tempo utilização do recurso do anonimato para discursos de

¹⁴Quando um usuário entra na plataforma para postar uma narrativa, é criado um perfil (um “login”) com o qual fica marcado quem postou cada narrativa ou comentário (tanto para nós enquanto pesquisadores como para qualquer pessoa que visite a plataforma). Cada pesquisador possui também um perfil pessoal, o que faz com que nossas postagens e comentários sejam corretamente atribuídas a cada um de nós. Porém, quando os participantes comentam as postagens, eles podem assiná-las diferentemente (inclusive, usando seus nomes próprios ou diferentes pseudônimos), e quando postamos histórias ou análises construídas coletivamente no contexto das rodas podemos “assiná-las” com nossos perfis pessoais, mas também podemos criar novos pseudônimos e atribuir essas produções a esses. Tal jogo produz diversos regimes de autoria, e ainda estamos tentando atentar e analisar quais os efeitos e possibilidades de interação que esses regimes possibilitam, e como eles influem nos processos da pesquisa.

ódio¹⁵ e não de criação. A tessitura de uma comunidade que se identificava em termos de problemáticas e afetos, tal como pôde ser escutado nas rodas de conversa que se formaram posteriormente, fez-se, inicialmente, a partir de personagens, que intermediaram esse alinhavo afetivo: o anonimato e os personagens permitiram que os relatos fossem lidos desindividualizados, carregando uma potência do impessoal, no sentido proposto por Deleuze (1997, p. 13): “[...] uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer Eu”.

Operar com narrativas anônimas, ou, diferentemente disso, algumas delas assinadas como personagens ou figuras, foi um dispositivo na pesquisa para além do propósito inicial: preservar o anonimato dos participantes, posto que a plataforma é pública. A opção pelos nomes de usuário, tais como Professora Helena¹⁶ ou Professora Ciborgue, não são escolhas aleatórias, mas levam a uma construção figurativa, fazem um arranjo semiótico-material entre a participante proponente e seus leitores. Operar com narrativas em uma plataforma criou um tensionamento no espaço-tempo dialógico fomentando a necessidade de um modo de criar outros modos de funcionamento para nosso estado de atenção ao que circulava entre os diálogos, visto que a comunicação on-line em plataformas com o dispositivo “comentários” ativado pode gerar a ativação de temporalidades imprevistas.

Talvez, dentro de um determinado lugar comum acerca da comunicação cibernética, que evoca continuamente os estados de imediaticidade, velocidade frenética, construímos uma expectativa em relação a essa rapidez no uso e nas respostas, em postagens imediatas e respostas também. Veloz mesmo talvez seja a comunicação em uma sala, em que os participantes de uma pesquisa se reúnem e podem ser provocados por uma narrativa, reagem, onde a reação pode ser o silêncio, o constrangimento, o riso ou uma nova narrativa que se enlaça com a anterior e projeta a continuidade da palavra circulante. A atenção do pesquisador aí está, atenta para esse movimento de produção, acompanhando esse fluxo e lançando-lhe mais alguns jatos.

A comunicação na plataforma da pesquisa em questão teve outro uso, outra velocidade e precisou o delineamento de uma nova atenção: algumas provocações podem ser respondidas um ano ou mais após serem postadas; não há acesso a alguns efeitos das narrativas, ao riso, ao constrangimento, à emoção provocada, salvo quando vier em formato de comentário ou for narrada, em outro momento, em

¹⁵Felizmente, nos momentos até então vividos na pesquisa, não houve situações que envolvessem ataques, nem discursos de ódio.

¹⁶ Professora Helena é personagem da novela infantil “Carrossel”, uma telenovela mexicana produzida pela Televisa (1989-1990) e que ganhou versões posteriormente, inclusive no Brasil. Professora Helena é uma professora meiga, sonhadora, dedicada, amada por seus alunos.

outro dispositivo da pesquisa, como foi o caso das rodas de conversa que compuseram as estratégias metodológicas.

Um estado de atenção inimaginável precisou ser tecido, não para a velocidade, a aceleração, o imediatismo assombroso, mas para a duração de um conteúdo nas redes, duração que permite afastamentos e repentinas reaproximações com aquele conteúdo. Falamos, assim, de uma atenção que precisou se descolar da ideia de um timing da pesquisa, em um momento que se supusera que a presença do coronavírus e seus efeitos em organizações de trabalho, pedagógicas, dentre outras, seria um movimento rápido e feroz para a duração da pesquisa, em que já se sabia que a Covid-19 nos lançava em ondas. Do mesmo modo que esses picos de contágio se faziam em ondas, também ocorria com a pesquisa, que precisou abrigar em si tais ondas, em seus métodos, em seu prazo de execução e no modo dos pesquisadores disporem da atenção pesquisante para acolher essa duração.

O pesquisar utilizando meios técnicos e metodologias não exploradas anteriormente em pesquisas em Clínicas do Trabalho colocou em cena tanto o analfabetismo digital de algumas pessoas quanto o letramento digital de outras na própria equipe de pesquisa, que não pôde seguir seu curso sem a contratação de um serviço de apoio em tecnologia da informação. Isso promoveu novas aprendizagens, especialmente voltadas para a comunicação das necessidades da pesquisa a um profissional da área da tecnologia e para a seleção dos recursos disponibilizados para implementar as necessidades.

Essa comunicação não se faz sem dificuldades, demarcando bastidores da pesquisa, em que um não saber sobre o funcionamento de alguns meios técnicos em utilização se entrelaça com aprendizagens sobre eles, que se entrelaça com os saberes psi que mobilizam o projeto. A pesquisa se faz entrelaçada com saberes e algumas obscuridades dos meios técnicos que possibilitam que ela funcione. Isso não é novo, mas agora aparece de um modo que escancara algumas coisas talvez naturalizadas: quando estamos em uma sala, com uma roda de pessoas, participando de uma pesquisa, talvez dominemos muitos conceitos e técnicas para a roda acontecer, o que envolve talvez até a disposição da mobília – mas não sabemos fazer a mobília, nem construir as paredes (ou quem sabe, não sabemos fazer a pesquisa neste caso sem as paredes), nem o gravador ou filmadora que vamos utilizar para registrar a roda –, mas, de algum modo, esse ambiente a princípio estava naturalizado e acreditávamos que tínhamos um certo domínio do que se passava.

Quando estávamos no “ambiente virtual”, o não saber sobre a arquitetura daquele ambiente trazia um desconforto maior diante dos “não saberes”. Como se movimentar nesse novo lugar? Como fazer uma roda aqui? Como mediar as falas e os silêncios? Como, inclusive, evitar o simples replicar dos modos de funcionamento que operariam bem em um encontro presencial de análise do trabalho, mas que na mediação digital produzem efeitos outros? Isso tudo se

entrelaça com questões práticas, tais como: “como permitir uma postagem em áudio na plataforma”?

Vivemos uma pesquisa em que o pesquisar se fez entrelaçado com a construção de uma “sala” sob medida para o que necessitávamos (seguindo ainda a metáfora espacial), sob limitações dos recursos disponíveis – projetar a sala fez parte dos caminhos do pesquisar. Ao mesmo tempo, essa sala, esse espaço de encontro, em cada caso, em cada utilização era customizado por cada participante, que poderia desde fragmentar sua presença, ao manter diversas abas abertas em seu dispositivo e se envolver com outras atividades, a também manter aberta apenas a aba da webconferência, concentrando maior atenção em um canal único, ou ainda, poderiam manter diversas abas que possibilitassem mais meios de contato com a própria roda de conversa, por meio de compartilhamentos com o grupo.

Além disso, a conversação estabelecida em áudio e vídeo e, por vezes, só em áudio por dificuldade de suporte tecnológico operando também com imagens, contava ainda com o chat para as pessoas participantes cujos dispositivos tecnológicos de que dispunham não suportavam nem um, nem outro. Assim, a dinâmica dialógica referente a análise do trabalho como atividade se via absolutamente atravessada e transversalizada por fluxos distintos dos habituais, exigindo atenção difusa e mobilização dos elementos para o diálogo a partir de conexões as quais tínhamos certa dificuldade de percorrer.

Essa é apenas parte da customização, já que cada participante – inclusive as pesquisadoras – também contava com o arranjo material do seu local de participação, conforto, ruído, pessoas e animais circulando em seu entorno, interpelações de pessoas, animais, efeitos de mau tempo, entre as tantas possibilidades que criavam arranjos diferenciados em cada ponta (cada participante) e, então, arranjos diferenciados e imprevisíveis para os encontros.

3.3 Ocupações e preocupações em nossa pequena fatia do ciberespaço

Existe um mundo de possibilidades e agenciamentos no cotidiano do pesquisar que pode nos passar despercebido; nessa pesquisa buscamos analisar e pôr em evidência os intercalços com os quais nos deparamos no caminho, sendo que esses são elementos que nos permitem atentar para a logística e para a produção do instrumental que possibilita (ou impede) atos e organizações de pesquisa. Ter uma plataforma virtual implica produzir um site, hospedá-lo, gerenciá-lo, resolver problemas de suas integrações com outros elementos das redes com as quais opera e com entidades e serviços que possibilitam sua existência na rede.

O site que serve de “hub” para a pesquisa foi criado no WordPress, e era, até recentemente, hospedado nos servidores da UFRGS. Algumas das ferramentas utilizadas são ainda de criação e “propriedade” de outros atores e empresas (cada plugin específico utilizado na plataforma do Wordpress que dá

sustentação ao site pode vir de um ente diferente; o vídeo de apresentação e convite para a pesquisa, por exemplo, é hospedado no Youtube).

Em meio ao uso da plataforma, tivemos uma equipe de apoio contratada. Além de todos os protocolos de pesquisa, temos também de atentar à legislação vigente no trato e cuidado de dados em meio digital, o que implica colocar atenção em nos adaptar à Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD. Tais movimentos são também marcados por surpresas e necessidades de readaptação. Em meio ao processo, ocorreram mudanças no modo como se podia acessar informações salvas nos servidores da UFRGS.

Uma política de maior segurança tornou mais restritivo quem podia fazer alterações nesses dados (o que, anteriormente, apontamos quando dissemos que os servidores da UFRGS passaram a somente poderem ser acessados via VPN, que estava disponível apenas a professores, servidores e discentes com vínculo ativo nessa universidade), o que impactava diretamente nossa plataforma, até então hospedada nessa rede. Desse modo, a equipe contratada para gerenciar a arquitetura da plataforma não tinha mais as mesmas possibilidades de acesso (visto que era composta de pessoas que não tinham, no momento, vínculo ativo com a universidade, o que passou a ser necessário para acessar seus servidores). Tal situação também impedia o acesso aos colegas de pesquisa que utilizavam a plataforma, mas eram lotados em outros centros de pesquisa que não a UFRGS. Uma necessidade de readaptação dos fluxos e modos de acesso era necessária. A pesquisa sofreria, necessariamente, mudanças em seus modos de operar.

Tais mudanças, além de gerarem um esforço para novas adaptações para a continuidade da pesquisa, lançam luz a aspectos práticos do fazer pesquisa nesse contexto: visto que nem todos agora poderiam ter acesso à função de curadoria do material. Assim, seria mais interessante “setorizarmos” tal função entre nós, ou pensar espaços de discussão mais amplos em que as narrativas fossem levadas a todos (àqueles com acesso às “entranhas” da plataforma e àqueles sem), tomar as decisões curatoriais colegiadas nesses espaços e só então efetuar-las? Poderíamos, ainda, contratar outro serviço de hospedagem para a plataforma, e com isso manter, em ambiente diverso, o funcionamento que tínhamos anteriormente.

Tal debate envolve valores e decisões sobre o fazer da pesquisa. Ao debatermos e acionarmos um ou outro caminho, ganhamos perspectiva de como a equipe e cada membro enxerga as práticas de pesquisa e como elas compõem o objeto da pesquisa. Todo esse cenário também põe em questão o intenso debate de valores existente entre praticidade e segurança quando são usados meios digitais para um fazer, o qual é fortemente atravessado pelos contextos de familiaridade e letramento digital da equipe pesquisadora.

4. Considerações finais

A pandemia da Covid-19 suscitou uma crise nos modos de trabalhar, dadas as necessidades de distanciamento e/ou isolamento social. Do mesmo modo, a pesquisa das práticas de trabalho também foi marcada por forte abalo, sobretudo no que tange a pensar como se dá a mediação tecnológica no trabalhar, no pesquisar e no pesquisar o trabalhar.

Neste artigo, tratamos de posicionar essa temática no escopo do projeto de pesquisa em que ela se encontra, apresentando a questão do uso das tecnologias enquanto eixo analítico nas dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em questão. O foco deste artigo consiste em nos dedicar à vertente analítica que se afigurou quando do desenvolvimento da pesquisa, a saber: o emprego dos próprios dispositivos metodológicos propostos, os quais criaram uma situação ainda não experimentada para a equipe pesquisadora, configurando uma peculiar experiência do trabalho de pesquisa no campo das Clínicas do Trabalho a partir da pandemia de Covid-19.

Preocupando-nos com os modos como trabalhadoras e trabalhadores da educação enfrentavam a crise, intentamos pela instauração de um espaço coletivo de afetação que se abriu à narração de histórias cotidianas de exercício do trabalho na pandemia produzir uma espécie de memorial do trabalho docente na pandemia, sustentado na abertura da experiência vivida no e pelo trabalho e por aquelas e aqueles que o realizam.

Tomando o trabalho como exercício coletivo de ligação social ao real que se oferece como abertura ao devir, pensamos que, assim, docentes podem, enquanto compartilham narrativas cotidianas, criar **refigurações**¹⁷ materializadas que se convertem em cuidado, de si mesmos e de seu ofício, ao produzir a constituição de outras materialidades e parentescos. Um parentesco com as próprias máquinas e ferramentas digitais.

O trabalho de refiguração constitui outras figuras que materializam, por meio da atividade, outros sentidos para o ensinar-aprender, relacionados à tarefa de ampliar o jogo dos significados no mundo. Uma tal Clínica do Trabalho a ser praticada enquanto pesquisa-intervenção se oferece como um dispositivo que longe de configurar caminho para confissão dos limites da subjetividade em uma perspectiva privatista, em meio à crise sanitária e após seu momento mais crítico, visa a possibilitar um mapa dos deslocamentos experimentados na intensa experiência de gerir o trabalho docente com a presença do vírus como ameaça.

Tratamos neste artigo da análise da própria atividade de pesquisar por entre medialidades antes inimaginadas para nosso campo clínico do trabalho quando os modos de presença que concebíamos no processo de pesquisar eram diferentes, pois não estavam tão intermediados por telas, microfones, fones de ouvidos, sistemas operacionais, aplicativos e uma conexão de internet frequentemente ruim. Lançados a esses meios sem instrumentação técnica e com vaga habilidade conceitual, construímos uma pesquisa e um

¹⁷Ou seja, uma figuração criada a partir de uma figuração anteriormente lançada.

pesquisar na radicalidade “virtual”, de distanciamento geográfico entre corpos, que se mostrava desde a aprendizagem para assinar digitalmente os documentos da pesquisa a rodas de conversa por plataformas e ferramentas de conversação.

Essa drástica e total utilização de meios tecnológicos criou percursos não triviais de modos de encaminhar a pesquisa e pensar a atividade do pesquisador por entre meios não previamente dominados tecnicamente. Pausas, gestos, sorrisos, tentativas de apreender presencialidade e confiança que se tecem e tornam o pesquisar-com possível foram alguns dos desafios que dispararam crise, a qual, por sua vez, é, para a análise institucional¹⁸, condição de análise (Altoé, 2004). Em uma roda de conversa on-line, o silêncio das pausas é absoluto, dado que, durante as diversas atividades on-line durante a pandemia, tornou-se praxe manter os microfones fechados enquanto não se fala para evitar ruídos e interferências.

Esse simples procedimento não passa incólume, pois cria um ritual de falas concentradas, como blocos de fala, inclusive afastando pequenos comentários simples, monossilábicos às vezes, que se fazem na espontaneidade e não são capturados pelos microfones “fechados”. A medialidade empregada produz um outro regime e ritmo de comunicação, uma nova disciplina do falar e ouvir que se difere da utilizada quando os corpos se encontram no mesmo espaço físico.

Por entre nosso objetivo de pesquisa, que envolvia acompanhar a crise na qual se embrenhava o ofício docente, construímos e mergulhamos em uma crise para o próprio ofício de pesquisa, dado que este passou a acompanhar uma produção narrativa e modos de narrar abruptamente distintos dos modos de até então, gerando também uma radical necessidade de atentar para os meios dos quais lançamos mão para engendrar narrativas a respeito da experiência do trabalho como atividade, bem como dos modos de escuta que se fizeram necessários para narrativas que emergiram por meios e acoplamentos tecnológicos e metodologias sobre as quais não tínhamos domínio de manejo até então.

Estávamos diante da urgente necessidade de colocarmos em análise nosso próprio trabalho de pesquisa desde o ponto de vista da atividade, enfrentando o que fizemos, o que deixamos de fazer, os pontos pelos quais a equipe viu-se impedida de agir ou, ao contrário, impulsionada a agir. Esse movimento foi crucial para que conseguíssemos alcançar a perspectiva de que, para analisar o trabalho docente na pandemia, não basta mudar os dispositivos costumeiramente empregados para pesquisas neste campo, a saber: visitas aos locais de trabalho, reunião de documentos a respeito da organização do trabalho e criação de espaços para coanálise da atividade junto aos trabalhadores e trabalhadoras (Clot, 2006; 2010). É

¹⁸Os limiares entre Análise Institucional e Clínicas do Trabalho são tênues, tal como sustenta Yves Clot (2013), bem como autoras e autores brasileiros Silva, Zamboni, Barros (2016).

necessário operar com a diferença da experiência do dizer a experiência do trabalho (Amador, 2022) por tais meios digitais, meios de dizer das pessoas com quem pesquisamos, bem como dos nossos meios expressivos enquanto equipe pesquisadora.

Voltando à epígrafe, “Se a pandemia se impõe sobre o povo, suscita, também, resistências insuspeitas que serão erigidas como modos de produzir e viver, já que não se trata de simplesmente retomar a produção que tínhamos”, cabe atentarmos para os desafios que se redesenham. Afinal, quais são os destinos que daremos aos esforços que empreendemos para sobreviver à ameaça do vírus? Qual o estatuto ético das estratégias que criamos para (sobre)viver? Quais as implicações dessa experiência para os rumos de nossa prática de produção de conhecimento? Essas são algumas das tantas perguntas que permanecem conosco e que serão objeto de outros escritos.

Referências

ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; CÉSAR, Janaína Mariano, Luciano Luzimar dos Santos; CARVALHO, Pedro Henrique. A devolutiva como exercício ético-político do pesquisar. *Fractal*, ver. *Psicol.* [Internet]. 2018 May; 30 (*Fractal, Rev. Psicol.*, 2018 30(2)):204-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/4vpJbjZ7LCQvXLmW43vyvrn/?lang=pt#>. Acesso em: 09 mar. 2023.

ALTOÉ, Sonia. René Lourau: analista institucional em tempo integral. São Paulo: HUCITEC, 2004.

AMADOR, Fernanda Spanier. Pesquisar-Intervir em Clínicas do Trabalho: a respeito da análise da experiência do trabalho como atividade. In: Jussara Mendes; Dolores Wunsch; Carmem Giongo. (Org.). *A Investigação no Campo da Saúde do Trabalhador: construção de conhecimento e estratégias metodológicas*. 1. ed. Campinas: Papel Social, 2019, v. 1, p. 127-142, 2022.

CANGUILHEM, Georges. *O Conhecimento da Vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CLOT, Yves. *A Função Psicológica do Trabalho*. Vozes: Porto Alegre, 2006.

_____. *Trabalho e Poder de Agir*. Belo Horizonte: Sobrefactum, 2010.

_____. A contribuição de Tosquelles à Clínica do Trabalho. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.22, n.1, p.199-208, jan./abr.2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9124>. Acesso em: 09 mar. 2023.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

HARAWAY, Donna J. *Modest-Witness@Second-Millennium.FemaleMan-Meets-OncoMouse: feminism and technoscience*. 2nd ed. New York, NY: Routledge, 2018.

_____. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Buenos Aires: Consonni, 2019.

ROCHA, Cháris Telles Martins da; AMADOR, Fernanda Spanier. Experiência e narrativa: inspiração benjaminiana para uma clínica do trabalho. *Psicologia em Estudo*, v. 24, n. *Psicol. Estud.*, 2019 24, p. e40374, 2019.

SILVA, Cláudia Osório da; ZAMBONI, Jésio e BARROS, Maria Elizabeth Barros de. *Clínicas do Trabalho Análise Institucional*. (Orgs). Rio de Janeiro: Nova Aliança; Editora e Papéis, 2016.

CAPTURAS DE TELA DA PLATAFORMA NARRATIVAS DO TRABALHO DOCENTE. Memória do Ofício Docente. Disponível em: <https://memoriadooficiodocente.com/>. Acesso em: 10 maio 2023.